



REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Fundada em Maio de 1932 pelo General NEWTON CAVALCANTI

ORGÃO OFICIAL DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO E DO DEPARTAMENTO DE
DESPORTOS DO EXÉRCITO — URCA — RIO DE JANEIRO — BRASIL

Diretor Geral — Ten. Cel. *Sylvio Américo Santa Rosa*
Gerente e Redator-Chefe — Cap. *Aldo de Souza Pinto*
1.º Secretário — Cap. *Albino M. da Costa*
2.º Secretário — 1.º Ten. *Lannes de S. Caminha*
Tesoureiro — 1.º Ten. *Eduardo Nobrega*
Desenhista — *Aufran*
Encarregado dos clichês — *Machado*.

N. 60

ANO XV — 1948

PREÇO: Último Número, Cr\$ 4,00; Atrazados Cr\$ 4,50

Toda a correspondência deve ser endereçada à Revista de Educação Física, sem mencionar o nome ou função

As assinaturas de 6 números, são pagas adiantadamente

Preços: sob registro: Cr\$ 30,00; porte simples: Cr\$ 20,00

O Sargento *Romeu Lago Guedes* é o único cobrador autorizado desta Revista

Do Olimpo aos Tempos Modernos

ARNALDO GUINLE
(entrevista "A Noite")

Acertando — bem imprudentemente — escrever sobre o Olimpo, vocábulo que se resume em três pobres sílabas, mal percebi que assumia a difícil tarefa de evocar um dos mais vastos capítulos da história. Acresce, ainda, nesse meu embaraço, a circunstância que, sobre ele, já tudo disseram e escreveram os maiores espíritos de todos os tempos. Convenção, portanto, da insignificância desta minha contribuição, deixo, desde já, ao leitor, mandato com poderes irrevogáveis para relegar estas linhas ao rol das coisas e dar-lhes o destino que possa merecer.

Sem dúvida, o objetivo deste trabalho não é o de fazer uma digressão sobre a técnica no esporte antigo, ou uma enumeração dos tesouros de arte, exumados pelos esforços meritórios da Escola Alemã de Arqueologia, ou ainda os da missão Morée, à qual se deve a descoberta do Olimpo, que, durante séculos, perdeu-se na memória dos homens; o limo, a vasa decantada pelo Atpeo e o Cladeos, cuja confluência se dava aos pés das célebres ruínas, acabaram a obra de destruição e convulsão da natureza e da barbárie humana. Nada mais ali acusava a existência dessa sede de tanta glória, de tanta paixão e de tanta energia dispendida em honra a Zeus. Se tivéssemos de escrever sobre ela, um livro não bastaria para traçar-lhe o verdadeiro perfil.

Não se espere de mim, ainda, uma

descrição das solenidades rituais do Olimpo, nem tão pouco uma viagem "à vol d'oiseau" através dos 2500 anos da sua existência. Deixemos esse trabalho ao cuidado daqueles que me sucederão, com mais competência e brilho, nas colunas desse grande vespertino e que melhor saberão realçar o esplendor escultural e arquitetural que ornaram e enriqueceram as terras do Olimpo. Limitemo-nos apenas a demonstrar como e porque esse pedaço de terra foi o berço de uma concepção de vida propriamente helênica em sua forma e que, por isso mesmo, gravou na história do Helenismo a sua feição fundamental.

Transportemo-nos, para isso, ao monte Kranion.

Dos lindos pinheiros, que escalam as suas costas, podemos ainda divizar as alamedas de platanos, por onde outrora, desfilaram legiões de atletas e peregrinos; embaixadores e embarcadores; ambições e apetites, e todas as glórias, enfim, de uma civilização ao mesmo tempo complexa e definida. Daí aproximemo-nos do templo, de seu nártex, de suas colunadas e de multitude dos edifícios que o circundam; ex-votos oratórios, locais de sacrifícios e, enfim, do ártis — recinto sagrado — afirmando ser como a sede religiosa, como o centro da cultura espiritual. É que naquele povo e naquela época mal se imaginava uma religião que não repousasse em concepção filosófica, positiva.

Vejamos, pois, se houve ali verdadeiramente a religião do atletismo.

Vejamos ainda porque foi na Grécia que ela se definiu e se esse ideal grego convém ainda ao resto da humanidade. Da resposta afirmativa ou negativa, saberemos se o Olimpo não foi senão um esplêndido acidente histórico ou antes, representa e representou um dos fundamentos mais poderosos da própria humanidade.

Qual é, pois, a definição do atletismo antigo comparado com o dos nossos tempos: elegante, flexível, porém menos sólido e profundo. No congresso de psicologia esportiva, realizado em Lausanne, Milloud, professor da Universidade de Lausanne, assim o definiu: "O atletismo é uma forma de atividade muscular, que se aplica desde o esporte até o heroísmo e suscetível de preencher todas as graduações intermediárias.

A essa definição, que podemos chamar de filosófica, oferecemos outra menos eloquente, porém, mais técnica, a nosso ver. "O atletismo é o culto voluntário e habitual do exercício muscular intenso, calcado no desejo aperfeiçoamento, podendo atingir os limites dos riscos da própria vida".

Mais técnica, dizia eu, porque nela encontramos as cinco noções fundamentais para todo o atleta, quais sejam: iniciativa, perseverança, intensidade, porfia em busca de aperfeiçoamento e desprezo pelos perigos eventuais.

Creio mesmo que nossos grandes ancestrais, se aqui se encontrassem, não alterariam a forma sendo para dar-lhe uma feição mais helênica.

O que certamente os chocaria, seria não verem expressa a idéia religiosa de purificação e santificação.

Esta idéia, entre os helenos, afirmou-se desde o século XI da era cristã, quando já víamos gravado sobre um disco no Olimpo o texto da convenção assinada entre Licurgo e Ifitos, rei de Elis, estabelecendo a trégua sagrada, durante os jogos Olímpicos, e quando todas as dissensões armadas deveriam cessar.

O território do Olimpo, declarado neutro, tornava-se inviolável.

Os concorrentes aos jogos deviam pertencer a raças puras, isentas de crime, impiedade ou sacrilégio. Uma vez aceitos como concorrentes, às provas e após um treinamento de 10 meses, ingressavam no ginásio de Elis, durante 30 dias, antes de se transferirem para o do Olimpo. E todas essas garantias, a um tempo éticas, morais, sociais e técnicas se envolviam de um ritual religioso caracterizado. "Os deuses são amigos dos jogos", dizia Píndaro. Eis porque em honra a esses deuses, a juventude helênica foi incitada, durante séculos, a aperfeiçoar, a modelar o corpo, em exercícios intensivos — a base sobre a qual assentava a sociedade helena.

O helenismo é primordialmente o culto da humanidade na sua vida presente e seu estado de equilíbrio. O que o torna divergente de todos os cultos conhecidos é que o helenismo se fundamenta na existência presente, que deve encerrar a felicidade.

No além-túmulo, só existe o pesar da sua ausência; é uma sobrevivência diminuída, ao passo que todos os cultos, até hoje conhecidos, se basam na aspiração a uma vida melhor: na idéia de recompensa e felicidade além-túmulo e no temor de punição por ofensas feitas aos deuses. "O homem é um deus caído dos céus e que dele se lembra". Eis a concepção, em que se fundam quase todas as religiões individuais ou pan-teístas, isto é, aquelas que consideram deus como a alma do mundo e o mundo como corpo da divindade; mas anti-grega em toda a sua plenitude.

Sendo observemos os deuses gregos. Homens magníficos, mas homens de razão, de atividade, de equilíbrio; sociáveis, esportivos, pessoais e menos contemplativos. Um escritor de coisas das remotas éras dizia que, para os egípcios judeus, persas e muçulmanos, a vida religiosa se resumia em aprender a decorar os textos sagrados; porém, que a religião para os gregos era uma religião sem livros...

Eis aí o paganismo. Não aquele que mal se define com a adoração de ídolos, característica, aliás, de todas as religiões, mesmo as que são profundamente místicas, mas sim o verdadeiro paganismo, aquele de que a humanidade jamais se libertará, isto é, o culto do ser humano, espírito e carne, sensibilidade e vontade, energia e consciência, dois despostas que se disputam a primazia e cujo conflito não raro dilacera cruelmente os nossos corações. Necessária, po-

rém, é o seu equilíbrio, sem o que a humanidade — indivíduo ou sociedade — cairiam em excessos extremos precursores da decadência moral e material. Coube ao helenismo a glória imortal de conceber a sua codificação e dele fazer os fundamentos de uma grandeza social.

O Olimpo viveu 1168 anos, por isso que a primeira olimpíada, registrada na história data de 766 anos antes da era cristã, e os jogos foram suprimidos por um édito de Teodósio no ano de 392. Esses jogos quadrianais, foram restabelecidos integralmente. O monumento inaugurado no Olimpo em 1927, indica que a primeira Olimpíada dos tempos modernos foi celebrada em Atenas, em 1896. Em 1928, realizava-se em Amsterdã a IX; em 1932, em Los Angeles, e assim por diante até a XIVª, na cidade de Londres. O Olimpo viveu perto 12 séculos, não sem agitações por vezes profundas, mas que jamais atingiram a sucessão magnífica de suas celebrações. Mesmo ao tempo das ameaças persas, os helenos se reuniam às margens do Alfeu, para, em festas quadrienais, render culto a Zeus.

A VIIIª Olimpíada foi perturbada por divergências entre os seus organizadores, 104ª. três séculos mais tarde, foi mesmo a testemunha de um atentado a trégua sagrada. Seu brilho como bem se pode imaginar, dependia da habilidade dos seus dirigentes, as somas nelas investidas (como as situações se repetem!), bem como na quantidade e qualidade dos atletas participantes. Houve como era natural, festas esplêndidas inolvidáveis; mas outras vulgares. Contudo, o que sempre caracterizou as festas olímpicas em todos os tempos, foi o seu fundo sagrado e centro religioso pagão.

Com o advento do cristianismo, extinguiu-se a chama sagrada dos seus altares.

A sua supressão, que data do édito de Teodósio II, não se deve confundir com a sua destruição. Nada tem de comum com o Teodósio I, publicado com 30 anos de intervalo, no transcurso do qual as hordas de Alarico por ali passaram pilhando todos os seus tesouros e dispersando todas as suas riquezas. Mas, os edifícios subsistiram patinados pelos séculos num semi-abandono, solitários e silenciosos. Teodósio II, ordenou, a sua destruição, que não foi total.

Com o abandono das comportas preservadoras as enzentes sucessivas do Cladeos acabaram, a sua destruição. Depois, como para selar o término de tantas glórias inolvidáveis, dois terremotos sobrevieram para abater os seus pórticos e as suas colunadas. O sudário do esquecimento recobriu as ruínas. E assim, o Olimpo desapareceu da superfície da terra, entrando nas trevas dos esquecimentos dos homens. Mas, continuemos aos pés do monte Kronion. As cores ardentes do ocaso se atenuam.

No azul sombreado pela noite que se anuncia, as primeiras estrelas se iluminam ao mesmo tempo que, mais ao longe na encosta da montanha, onde se acõnchega o vilarejo, as primeiras luzes refulgem ao redor do monumento heróico. O pálido ráto de lua resvala no mármore milenar re-

fuigindo as últimas linhas da inscrição histórica... "em consequência... a primeira olimpíada da era moderna foi gloriosamente celebrada no estádio restaurado de Atenas por todos os povos da terra, no ano de 1896, do reinado de Jorge I, rei dos helenos". O estádio de Atenas restaurado! Como nos tempos de Péricles e Fidias, os tesouros derramados; criaram, ali, um capital inalienável, que alimentaram até os últimos dias da vida moral e material, aquela que ficou na memória dos homens como a metrópole do espírito e da graça.

Jorge I foi o primeiro monarca a pronunciar as palavras sacramentais: "Eu proclamo inaugurados os jogos da I Olimpíada da era moderna", como, aliás, o fizeram posteriormente os chefes de estado de outras nações na sucessão quadrienal desse histórico certame.

Pouco a pouco, os Jogos Olímpicos se realizaram no seu quadro moderno, embora animado pelo espírito artigo. A seu idealizador e fundador, o inesquecível Barão Pierre Coubertin, devemos a restauração do monumento antigo, que é o estado de Atenas, igualmente a criação e organização do Comité Olímpico Internacional, posteriormente reconhecido por todas as nações. Seus membros não são delegados no seio desse Comité. E-lhas mesmo vedado aceitar de seus concidadãos um mandato imperativo capaz de cercear-lhes a liberdade. Devem, pelo contrário, considerar-se como embaixadores olímpicos nos seus respectivos países. Os seus mandatos são ilimitados; alguns, como a que subscreve estas linhas, nêle figuram há quase 30 anos. Não recebendo estipêndio de espécie alguma, sua independência é absoluta.

Desde a 1.ª celebração, a inauguração e o encerramento dos Jogos Olímpicos revestiram-se de aspecto solene, mas a sua forma definitiva data da época em que os atletas, em formula breve, solene e impressionante, prestam juramento diante das bandeiras reunidas de todas as nações participantes.

A hostilidade da Igreja romana, a princípio violenta, não mais subsiste. A Igreja Católica, estendeu-lhe o manto protetor, em 1906, quando Pio X presidiu os exercícios atléticos dos patronatos religiosos da França, Bélgica, Itália e outras nações, no pátio São Damasse.

Eis-no ao fim de nosso trabalho, voltando à idéia inicial. Assim como o atletismo antigo, o atletismo moderno é uma religião, um culto e uma fonte passional susceptível de desenvolver os adeptos: do jogo ao heroísmo". Assim o Olimpo está sempre em nossa memória, embora os santuários helenos não mais refuljam. O Olimpismo viveu sempre e sempre viverá, porque se afirmou no conceito de todas as nações do mundo. Eis aí o símbolo da perenidade helena. Foi pela Grécia do século passado que a humanidade sentiu que um povo pode encerrar-se durante três séculos num sepulcro e levantar-se dele redutivo, rejuvenecido, porque "não se destróem os povos que não querem morrer".